



PANORAMA ECONÔMICO

Espírito Santo

II Trimestre de 2016

Setembro de 2016



GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO
SECRETARIA DE ESTADO DE ECONOMIA E PLANEJAMENTO – SEP
INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES – IJSN

Panorama Econômico

Nº 19 – II Trimestre de 2016

Diretora Presidente
Andrezza Rosalém Vieira

Diretora de Estudos e Pesquisas
Ana Carolina Giuberti

Coordenação de Estudos Econômicos
Victor Nunes Toscano

Equipe Técnica

Adriano do Carmo Santos
Ana Maria Alvarenga Taveira
Edna Moraes Tresinari
Estefania Ribeiro da Silva
Gustavo Ribeiro
Paula Rubia Simões Beiral
Vicente de Paulo Costa Pereira
Victor Nunes Toscano

Estagiários
Iago Ribeiro

Projeto Gráfico
Lastênio João Scopel



Sumário

Sumário.....	3
Apresentação.....	4
Carta de Conjuntura.....	5
Agricultura	8
Indústria.....	11
Comércio.....	14
Serviços.....	17
Comércio Exterior	20
Inflação	23
Mercado de Trabalho.....	26



Apresentação

O Panorama Econômico tem a proposta de analisar a economia do Espírito Santo em frequência trimestral, com objetivo de subsidiar, com maior nível de detalhe, os movimentos econômicos captados pelo indicador de PIB trimestral, calculado pelo Instituto Jones dos Santos Neves (IJSN). Com esta iniciativa, o IJSN procura fornecer informação qualificada sobre a economia do Espírito Santo, assegurando maior transparência e conhecimento para a população capixaba. Neste número, o documento retrata o desempenho dos indicadores econômicos registrados para o segundo trimestre de 2016. O documento está dividido da seguinte forma: após uma análise contextual apresentada na Carta de Conjuntura, são apresentadas as análises setoriais abrangendo os dados da Agricultura, Indústria, Comércio, Serviços, Comércio Exterior, Inflação e Mercado de trabalho.

Desejamos uma boa leitura.

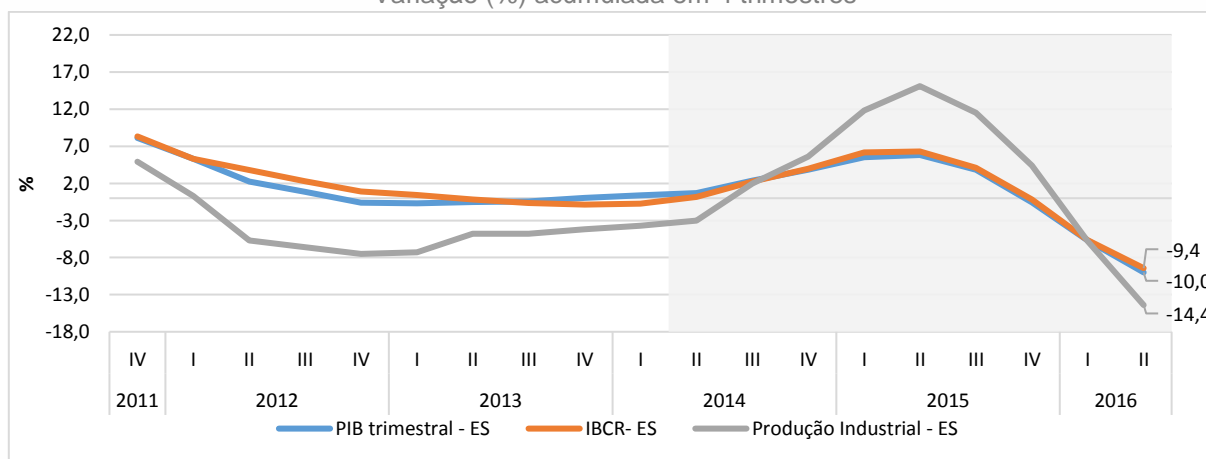


Carta de Conjuntura

O quadro de dificuldade observado na economia brasileira desde o segundo trimestre de 2014 continuou persistindo no segundo trimestre de 2016, completando nove trimestres de recessão. No Espírito Santo, o cenário também é de retração do nível de atividade econômica, puxado pelo desempenho da indústria, sobretudo a Extrativa mineral. Este segmento, apresentou quedas na produção em relação ao ano anterior superiores a 30%, considerando um período de comparação no qual a Samarco ainda operava.

O Gráfico 1 demonstra a evolução da variação em 4 trimestres do indicador antecedente do PIB trimestral, produzido pelo IJSN, do indicador de atividade econômica regional produzido pelo Banco Central e, por fim, do indicador da produção industrial do Espírito Santo, divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). No segundo trimestre de 2016, as variações percentuais tanto do indicador de PIB trimestral quanto do Índice de Atividade econômica do Banco Central apresentaram quedas de -10,0% e -9,4%, respectivamente, com desempenhos próximos entre si. Nota-se, porém, um descolamento do desempenho industrial em relação à média da economia, apresentando uma queda mais intensa de -14,4% nessa base de comparação. A expectativa é que o setor continue apresentando taxas negativas até o último trimestre do ano, período que completa um ano de desastre provocado pelo rompimento da barragem de rejeitos de minério de ferro em Mariana-MG.

Gráfico 1 – Indicadores do nível de atividade do Espírito Santo
Variação (%) acumulada em 4 trimestres



Fonte: IJSN, BCB e CODADE

Elaboração: Coordenação de Estudos Econômicos – CEE/IJSN

Assim como apontado nas edições anteriores deste documento, os demais segmentos já demonstravam sinais de retração no nível de atividade. Novamente, no segundo trimestre de 2016, as maiores quedas foram aquelas registradas em relação ao Comércio Exterior, com quedas em 4 trimestres tanto nas exportações (-36,9%) quanto nas importações (-30,8%). Nesta mesma base de comparação, o terceiro segmento com maior queda foi o Comércio Varejista Ampliado que reduziu -19,0% o volume de vendas. Este segmento, incorpora, além do Comércio varejista, que reduziu -10,6% no período, e os segmentos de vendas de veículos, partes/peças e material de construção. Adicionalmente, é possível notar uma queda mais intensa dos indicadores na comparação com o mesmo trimestre do ano anterior, o que evidencia a piora das condições econômicas ocorrida no segundo trimestre em relação à média dos últimos 4 trimestres (Tabela 1).



Tabela 1 - Indicadores resumo da economia do Espírito Santo
2º trimestre de 2016

Indicadores	Variações %		
	Contra o mesmo trimestre do ano anterior	Acumulado no ano	Acumulado em 4 trimestres
PIB trimestral	↓ -15,0	↓ -14,6	↓ -10,0
IBCR - Espírito Santo	↓ -12,7	↓ -13,5	↓ -9,4
Produção industrial	↓ -22,9	↓ -22,6	↓ -14,4
Volume de vendas do varejo restrito	↓ -12,3	↓ -10,8	↓ -10,6
Volume de vendas do varejo ampliado	↓ -14,8	↓ -17,6	↓ -19,0
Volume de serviços	↓ -6,9	↓ -7,1	↓ -7,1
Receita nominal dos serviços	↓ -4,2	↓ -3,9	↓ -3,4
Exportações	↓ -41,4	↓ -41,4	↓ -36,9
Importações	↓ -33,5	↓ -35,2	↓ -30,8
Estoque de emprego formal	↓ -5,4	↓ -2,1	↓ -5,4

Elaboração: Coordenação de Estudos Econômicos – CEE/IJSN.

(*) Base igual período do ano anterior.

Além da redução ocorrida no varejo, a redução de postos de trabalho formais se intensificou no último trimestre, apontando para uma redução de -5,4% em relação ao estoque do segundo trimestre de 2015. Este desempenho concentrou-se nos segmentos de Comércio e Serviços, que juntos foram responsáveis pelo fechamento de mais de 6 mil postos de trabalho apenas no segundo trimestre deste ano.

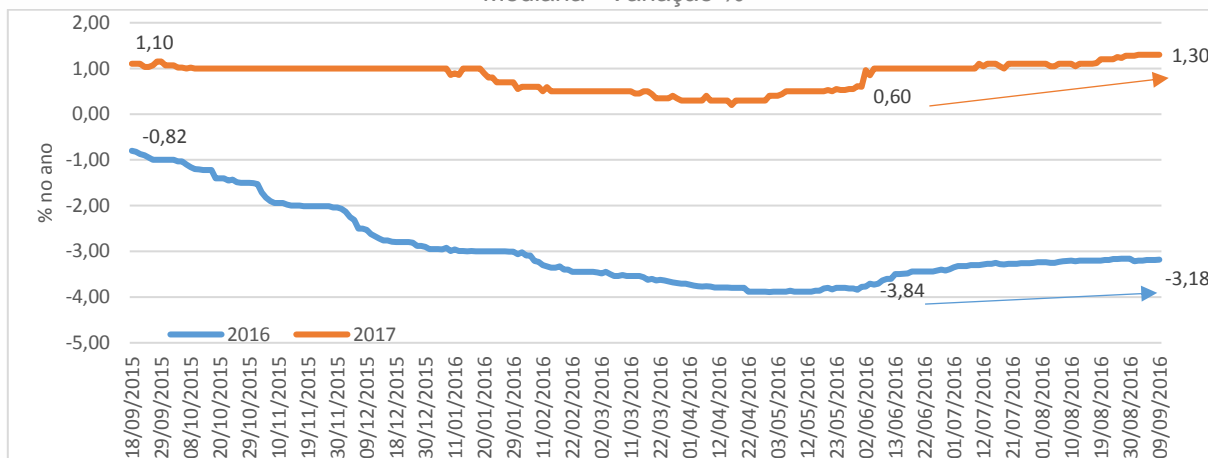
Além da redução da atividade econômica, o Espírito Santo vem passando por um dos períodos mais longos de seca, com problemas de abastecimento em várias cidades do estado. Diversas culturas agrícolas, entre elas o plantio de café conilon, foram prejudicadas pelo longo período de estiagem, com redução do volume de produção e de área destinada à colheita. Neste contexto, há grande preocupação com a economia dos municípios do interior do estado, cuja geração de renda é muito correlacionada à atividade agrícola. Como consequência deste fenômeno, no indicador acumulado em 4 trimestres houve redução de postos de trabalhos formais na atividade Agropecuária, segmento que tradicionalmente emprega mais nesta época do ano, principalmente por conta da colheita de café nos municípios capixabas.

A respeito da reversão deste quadro, ainda não há sinais claros de recuperação no país e no estado. No Estado, a superação deste cenário dependerá da melhoria das condições climáticas e da recuperação das condições econômicas nacionais e internacionais, que impactam a produção interna do estado. Além disso, precisa-se frisar que o desempenho econômico no ano de 2016 no estado, ainda vai ser muito influenciado pelo carregamento estatístico provocado pela paralização da produção da Samarco, ocultando o desempenho dos outros segmentos da economia capixaba.

Em nível nacional, entretanto, existe uma avaliação entre muitos analistas, que o movimento de melhora das expectativas dos agentes pode ser interpretado como um indício de que o pior da crise já tenha passado. O Gráfico 2 apresenta a evolução das projeções acerca do crescimento do PIB para o ano de 2016 e para o ano de 2017, divulgado pelo Relatório de mercado publicado pelo Banco Central do Brasil. Esse relatório consolida as projeções realizadas por várias empresas e suas equipes de análise econômica, expressando as expectativas do mercado sobre a evolução das principais variáveis macroeconômicas do país.



Gráfico 2 – Evolução das projeções para o crescimento do PIB brasileiro de 2016 e 2017
Mediana - Variação %

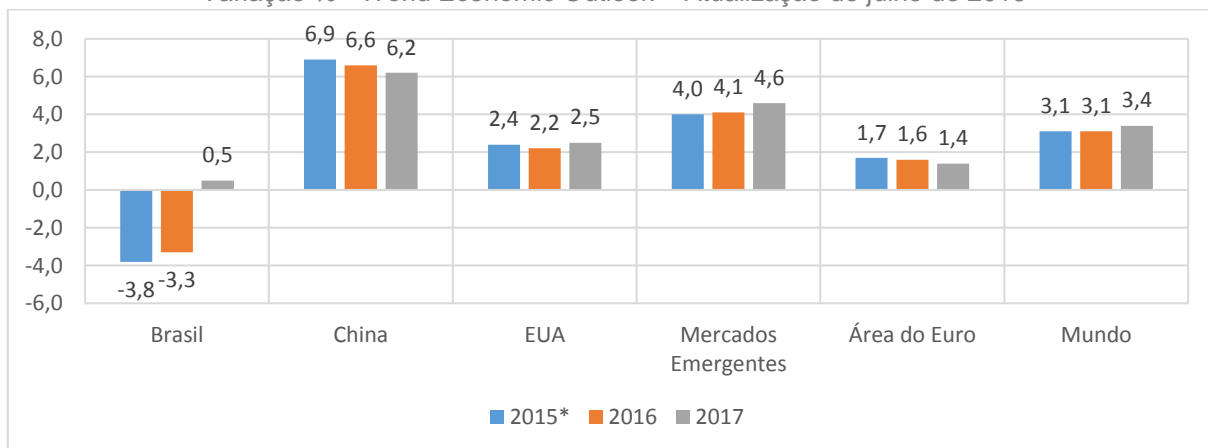


Fonte: Relatório de Mercado - Fôcus - Banco Central do Brasil
Elaboração: Coordenação de Estudos Econômicos - CEE/IJSN

Nos últimos meses, pôde-se observar uma ligeira melhora nas expectativas de crescimento brasileiro. No início de junho, as previsões apontavam para uma queda de -3,84% passando para -3,18%. Caso a previsão para o ano de 2016 se confirme, o PIB brasileiro terá retraído quase 7% em dois anos. Uma das questões que permeiam os debates acerca da economia é sobre a velocidade da recuperação, que apesar da melhora da previsão para o ano de 2017, o ritmo de crescimento de +1,30% ao ano aponta para um período longo de recuperação. Novamente, as condicionantes econômicas perpassam pela melhoria do ambiente de negócios, principalmente, pela capacidade da nova equipe de governo adotar medidas capazes de recuperar o equilíbrio fiscal e a retomada dos investimentos.

O Fundo Monetário Internacional (FMI) também revisou positivamente suas expectativas acerca do crescimento brasileiro. Em relação à atualização realizada em abril, há uma melhora relativa do cenário econômico com as projeções revisadas para cima, mas ainda com uma expectativa de queda de -3,3% em 2016 e um ligeiro crescimento de +0,5% em 2017. As projeções do crescimento mundial, por outro lado, foram revisadas para baixo, o mesmo ocorrendo com a Área do euro, sobretudo em função das consequências do Brexit sobre a economia europeia.

Gráfico 3 - Projeções de crescimento do Fundo Monetário Internacional (FMI)
Variação % - World Economic Outlook – Atualização de julho de 2016



Fonte: FMI - World Economic Outlook - Atualização de abril de 2016
Elaboração: Coordenação de Estudos Econômicos - CEE/IJSN
*Resultados efetivos



Agricultura

O *Levantamento Sistemático da Produção Agrícola* (LSPA), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), é um indicador conjuntural que apresenta informações de área e de volume produzido na safra agrícola para o ano corrente. A cada início de ano, baseado nas informações obtidas com os produtores em cada município das unidades da federação, realiza-se o levantamento com base nas expectativas, que ao longo do ano vão sendo confirmadas ou ajustadas, conforme o plantio vai sendo afetado pelas diversas variáveis que influem nas safras, como chuvas, secas, ventos, pragas, etc.

A pesquisa atual, para o ano de 2016, apresentada na tabela 2, é resultante dos valores ajustados em agosto, e é comparada com a pesquisa de 2015. A tabela da LSPA para o estado, conforme segue, exhibe apenas as principais culturas. A primeira coluna exhibe a participação da área colhida ou a colher, em mil hectares, no total da área do estado do Espírito Santo. A última coluna retrata as variações no volume produzido dessas culturas, em relação ao total produzido em 2015, e como se verifica, das onze culturas apresentadas, nove apresentam expectativas de quedas em 2016, na comparação com o ano anterior, em função do aprofundamento da crise hídrica no estado do Espírito Santo.

Tabela 2 - Produção Agrícola e Área plantada do Espírito Santo
Principais culturas - Safras de 2015 e 2016

Produtos	Área colhida ou a colher (mil hectares)				Produção (mil toneladas)		
	Part. % na área do ES	2016	2015	Variação %	2016	2015	Variação %
Café-Conilon	6,0	274,4	290,1	↓ -5,4	304,2	450,2	↓ -32,4
Café-Arábica	3,2	149,2	152,5	↓ -2,2	207,6	168,1	↑ 23,5
Cana-de-Açúcar	1,6	71,7	76,7	↓ -6,5	2.846,5	3.320,8	↓ -14,3
Banana	0,5	23,7	23,6	↑ 0,4	265,8	277,5	↓ -4,2
Cacau	0,5	22,3	22,3	↑ 0,3	5,4	5,5	↓ -0,5
Coco (1)	0,2	9,9	10,2	↓ -2,4	93,6	134,2	↓ -30,2
Borracha (coagulada)	0,2	9,0	9,0	↓ -0,0	10,1	12,3	↓ -18,0
Feijão Total 2ª safra	0,1	5,2	8,2	↓ -35,9	4,4	9,0	↓ -51,1
Mamão	0,1	6,0	7,0	↓ -14,0	255,6	361,3	↓ -29,2
Pimenta-do-Reino	0,1	6,0	4,0	↑ 49,5	12,8	13,9	↓ -7,9
Tomate	0,1	2,5	2,5	↑ 0,2	192,8	144,8	↑ 33,1

Fonte: IBGE - Levantamento Sistemático da Produção Agrícola

Elaboração: Coordenação de Estudos Econômicos - CEE/IJSN.

(1) Produção em mil frutos

O café Conilon segue ocupando a maior área entre as culturas agrícolas do estado, com 6,0% de participação na área total ou 274,4 mil hectares. Entretanto, essa participação está reduzida em -5,4% em relação aos 290,1 mil hectares da área colhida de 2015, reflexo da crise hídrica, conforme explicado no documento do primeiro trimestre. A queda na produção, que no documento do primeiro trimestre era estimada em -14,1%, frente ao ano anterior, foi atualizada para uma queda maior, de -32,4% nos resultados de agosto (Tabela 2).

O café Arábica, que havia estimativa de queda na área de -2,0%, quase não sofreu alteração, na atualização, e exhibe estimativa de queda de -2,2%. A produção do Arábica, que apresentava expectativa de aumento de +22,4% devido à bialidade positiva da cultura em 2016, apresenta expectativa de incremento ainda maior



na atualização, de +23,5%, pois alguns municípios apresentaram reavaliações positivas no rendimento médio, devido à melhoria nos tratamentos culturais e as chuvas ocorridas na época do enchimento dos grãos em municípios como Guaçuí e Conceição do Castelo (Tabela 2).

A cana-de-açúcar permanece com estimativa de queda na área (-6,5%) e a queda projetada da produção, que estava prevista em -10,6%, aumentou para -14,3%, em função, sobretudo, do agravamento da crise hídrica (Tabela 2).

Alguns municípios reavaliaram suas perdas na produção de banana, como o caso de Itaguaçu, que havia previsto produção de 26,4 mil toneladas em maio, e reviu para 22 mil toneladas em agosto. Assim também ocorreu em diversos municípios, que reviram suas previsões devido à estiagem, altas temperaturas e falta de água para o uso da irrigação da lavoura. Dessa forma, o incremento na produção, que era esperado em +2,1%, foi revisto para uma queda de -4,2% (Tabela 2).

O cacau não sofreu grandes reavaliações em relação à previsão de maio. O aumento na área que era de +0,1% foi para +0,3%, e a produção exibe expectativa de redução de apenas -0,5%, que conforme ressaltado no documento anterior, deve-se à alta tecnificação de algumas lavouras do estado (Tabela 2).

O coco, para o qual havia previsão de crescimento de +0,3% na produção, foi reavaliado para uma perda de -30,2% no volume, devido, em grande parte, à revisão em São Mateus¹. A previsão era de uma produção de 54 mil toneladas em maio, que foi revista para 18 mil toneladas em agosto, também devido à falta de água para a irrigação, que resultou nesta queda significativa do rendimento médio da cultura (Tabela 2).

A queda na área do mamão continua estimada em -14,0%, frente ao ano anterior. Já a queda na produção, que havia sido estimada em -20,9%, em maio, foi revista para -29,2% em agosto, uma vez que a água reservada à irrigação se esgotou (Tabela 2).

A previsão do incremento da área com a pimenta-do-reino continuou a mesma (+49,5%) de maio, porém, o esperado aumento de +24,5% no volume produzido, foi revisto para uma queda de -7,9%. As principais revisões se deram nos municípios de São Mateus (-2.590 toneladas frente a previsão anterior) e Jaguaré (-2.100 toneladas), em função das altas temperaturas e da estiagem, que causou o aborto da floração (Tabela 2).

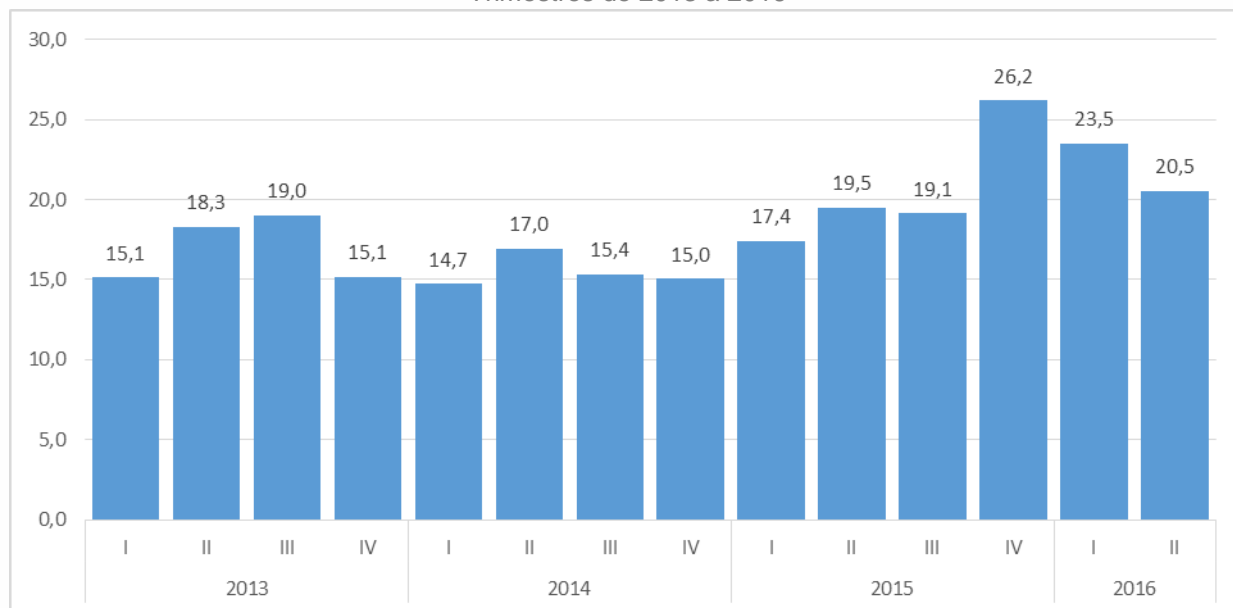
O tomate e o café arábica foram as únicas culturas que apresentaram revisão de crescimento. A expectativa da variação na produção de tomate, que era de +8,2% na previsão de maio, foi para +33,1% na previsão de agosto, devido a um grande incremento observado em Afonso Cláudio, justificado pela mudança de produtores de outros municípios para explorar novas terras (Tabela 2).

No segundo trimestre de 2016 houve redução de -3,0 pontos percentuais na participação do agronegócio nas exportações do estado, uma vez que as exportações totais do agronegócio apresentaram queda de -7,4% frente ao trimestre anterior (Tabela 3) e as exportações totais do estado apresentaram incremento de +6,2%, na mesma base de comparação (Gráfico 4).

¹ Apenas em São Mateus, a queda de previsão, em relação a maio, foi de -35.250 toneladas, enquanto no estado como um todo a queda foi de -40.974 toneladas.



Gráfico 4 – Participação % do agronegócio nas exportações do Espírito Santo
Trimestres de 2013 a 2016



Fonte: Secretaria de Comércio Exterior – SECEX/MDIC.

Elaboração: Coordenação de Estudos Econômicos – CEE/IJSN.

Dentre os principais produtos da pauta de exportação do agronegócio capixaba, os principais responsáveis pela redução observada, na comparação com o trimestre anterior, foram a pimenta seca (com contribuição relativa de -8,4 pontos percentuais para a queda total de -7,4%) e o café verde (com contribuição relativa de -2,7%). Essas quedas foram compensadas, em parte, pelo incremento do valor exportado de Celulose (+3,2 pontos percentuais de contribuição relativa) (Tabela 3).

Tabela 3 - Exportações do agronegócio capixaba
I e II Trimestres de 2016 – US\$ milhões

Produtos	US\$ milhões		Part % 2016:II	Variação %		Contribuição relativa*
	2016:II	2016:I		2016:II/2016:I		
Celulose	222,67	211,28	67,57	↑	5,4	↑ 3,2
Café verde	59,19	68,85	17,96	↓	-14,0	↓ -2,7
Pimenta seca, triturada ou em pó	11,77	41,56	3,57	↓	-71,7	↓ -8,4
Café solúvel	9,80	9,24	2,97	↑	6,1	↑ 0,2
Carne bovina in natura	7,23	6,89	2,19	↑	4,9	↑ 0,1
Chocolates e prep. de cacau	5,39	3,75	1,64	↑	43,8	↑ 0,5
Mamões (Papaia) frescos	4,14	4,21	1,26	↓	-1,6	↓ 0,0
Peixes frescos e refrigerados	2,76	3,10	0,84	↓	-11,0	↓ -0,1
Limões e limas frescos ou secos	0,84	0,00	0,25	-	-	↑ 0,2
Nozes	0,82	0,66	0,25	↑	24,6	↑ 0,0
Demais	4,94	6,20	1,50	↓	-20,3	↓ -0,4
Total	329,5	355,7	100,0	↓	-7,4	↓ -7,4

Fonte: SECEX/MDIC

Elaboração: Coordenação de Estudos Econômicos – CEE/IJSN.

* Contribuição relativa = (Participação%2016:I)*(Variação%2016:II/2016:I)/100



Indústria

A produção da indústria fechou o segundo semestre de 2016 com queda -22,9% no Espírito Santo, na comparação contra igual período anterior, resultado inferior ao alcançado pelo setor nacionalmente (-6,7%). O desempenho do indicador setorial capixaba se deve ao recuo na produção das Indústrias Extrativa (-36,0%), Fabricação de produtos de minerais não metálicos (-6,8%), Fabricação de celulose, papel e produtos de papel (-5,3%) e Metalurgia (-2,8%). Por outro lado, Fabricação de produtos alimentícios (+0,4%) registrou crescimento² (Tabela 4).

Tabela 4 - Produção Industrial Trimestral por atividades
Espírito Santo e Brasil - II Trimestre de 2016 – Variações (%)

Atividades	Taxa de Variação (%)				
	Sem Ajuste Sazonal				
	2016.II 2015.II	Acumulado Janeiro - Junho 16 (1)	Acumulado 4 trimestres (1)		
Brasil					
Indústria Geral	↓ -6,7	↑ 2,0	↑ 0,2		
Indústria Extrativa	↓ -13,2	↑ 2,5	↑ 1,0		
Indústria de Transformação	↓ -5,7	↓ -11,9	↓ -11,3		
Fabricação de produtos alimentícios	↑ 4,7	↓ -11,9	↓ -11,1		
Fabricação de celulose, papel e produtos de papel	↑ 3,4	↓ -9,8	↓ -6,7		
Fabricação de produtos de minerais não metálicos	↓ -10,3	↓ -7,9	↓ -13,2		
Metalurgia					
Espírito Santo					
Indústria Geral	↓ -22,9	↓ -22,6	↓ -14,4		
Indústria Extrativa	↓ -36,0	↓ -36,4	↓ -22,6		
Indústria de Transformação	↓ -3,8	↓ -2,2	↓ -2,5		
Fabricação de produtos alimentícios	↑ 0,4	↑ 6,0	↑ 0,4		
Fabricação de celulose, papel e produtos de papel	↓ -5,3	↓ -6,4	↓ -5,8		
Fabricação de produtos de minerais não metálicos	↓ -6,8	↓ -3,5	↓ -2,1		
Metalurgia	↓ -2,8	↓ -2,9	↓ -2,2		

Fonte: Pesquisa Industrial Mensal - Produção Física - PIM-PF/IBGE

Elaboração: Coordenação de Estudos Econômicos - CEE/IJSN

(1) Base: igual período anterior

O desempenho negativo da Indústria Extrativa se deve à menor produção de minério de ferro pelletizado e sintetizado influenciado sobretudo pela paralisação das atividades nas usinas da Samarco no município de Anchieta. Nas usinas que operam no complexo portuário de tubarão, apenas Tubarão 8 registrou crescimento na produção neste tipo de confronto³. Por sua vez, a produção de petróleo e gás registrou avanços no segundo trimestre de 2016⁴.

² IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Indicadores IBGE. Pesquisa Industrial Mensal – Produção Física, junho de 2016.

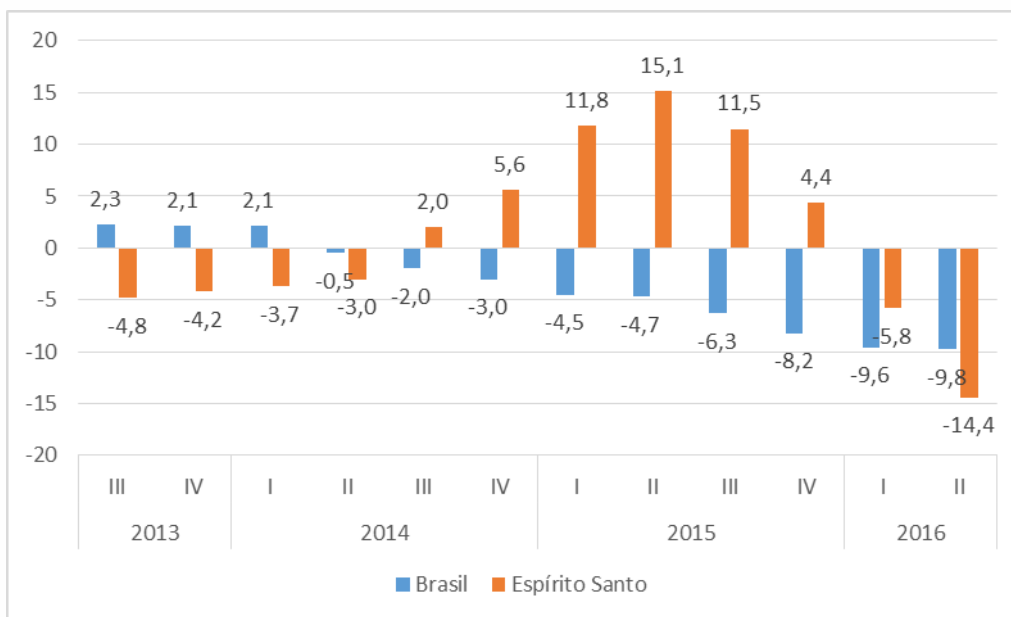
³ Para mais detalhes ver relatório de produção da vale em < http://www.vale.com/PT/investors/information-market/quarterly-results/ResultadosTrimestrais/2016%202Q%20Production%20Report_p.pdf >

⁴ ANP – AGÊNCIA NACIONAL DO PETRÓLEO, GÁS NATURAL E BIOCMBUSTÍVEIS. Dados estatísticos mensais: Produção de petróleo e gás natural. Disponível em < www.anp.gov.br >, acesso em 05/09/2016.



Gráfico 5 – Produção Industrial

Espírito Santo – Variação (%) contra o mesmo trimestre do ano anterior ⁽¹⁾



Fonte: Pesquisa Industrial Mensal - Produção Física – PIM-PF/IBGE

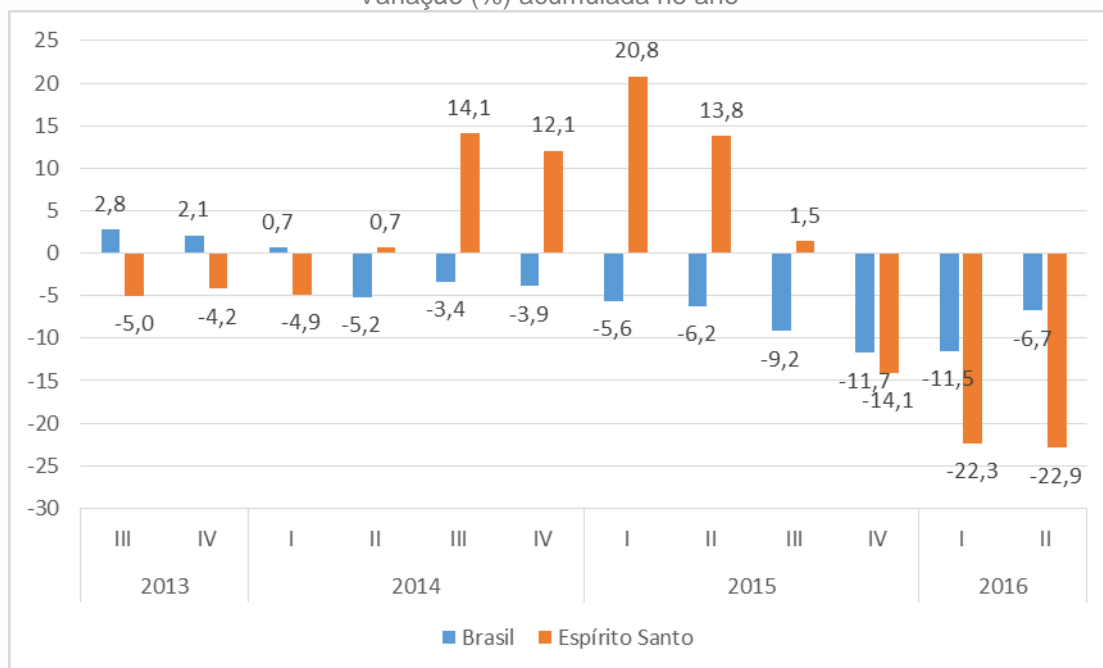
Elaboração: Coordenação de Estudos Econômicos - CEE/IJSN

(1) Base: igual período do ano anterior

A reversão da produção industrial estadual para uma trajetória de queda fez com que o setor fechasse o primeiro semestre de 2016 com recuo de -22,6% mantendo a trajetória de queda iniciada último trimestre de 2015. A indústria nacional apresentou sua nona taxa negativa consecutiva de crescimento ao registrar -9,1% de queda (Gráfico 6).

Gráfico 6 – Produção Industrial – Brasil e Espírito Santo

Variação (%) acumulada no ano ⁽¹⁾



Fonte: Pesquisa Industrial Mensal - Produção Física – PIM-PF/IBGE

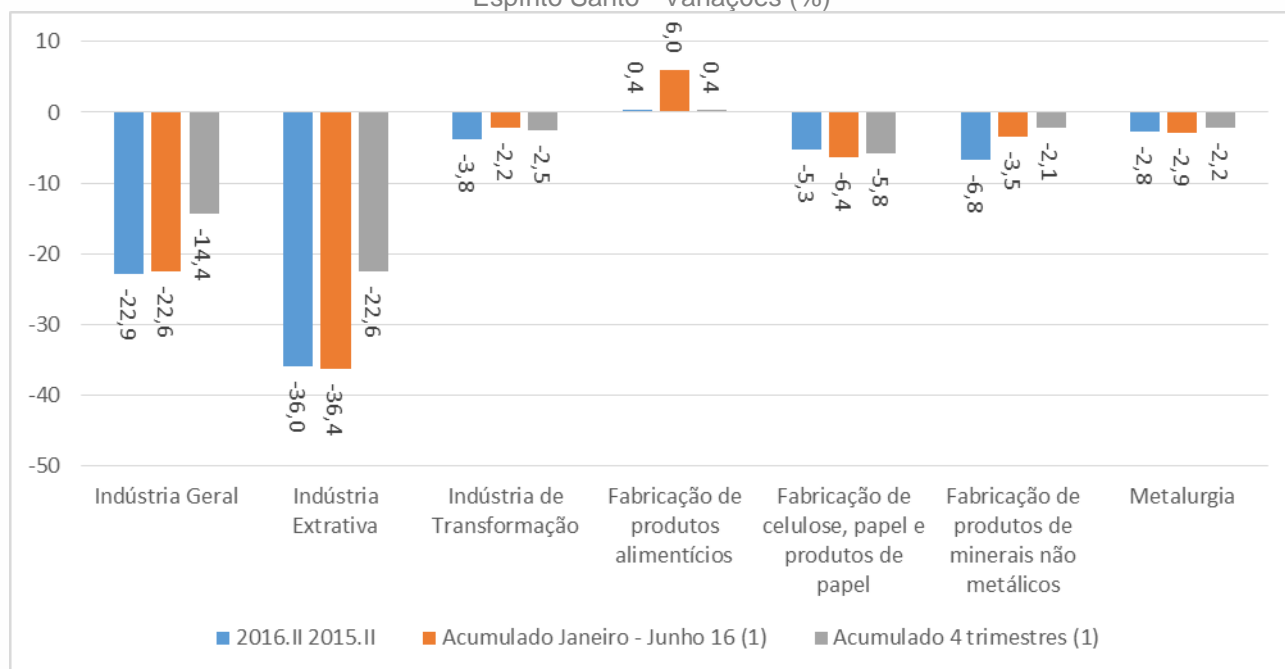
Elaboração: Coordenação de Estudos Econômicos - CEE/IJSN

(1) Base: igual período anterior



Nos segmentos da *Indústria de Transformação* capixaba, com exceção da atividade de *Fabricação de produtos alimentícios*, houve queda na produção em todos os setores nas três medidas de desempenho consideradas. O destaque negativo ficou por conta da indústria de *Fabricação de celulose, papel e produtos de papel* com as variações negativas mais intensas. O crescimento do setor de *Fabricação de produtos alimentícios* explica-se sobretudo por uma base de comparação fraca, uma vez que o setor registrou recuo nos níveis de produção nos três anos anteriores a 2016 (Gráfico 7).

Gráfico 7 – Produção Industrial por atividades
Espírito Santo - Variações (%)



Fonte: Pesquisa Industrial Mensal - Produção Física – PIM-PF/IBGE

Elaboração: Coordenação de Estudos Econômicos - CEE/IJSN

(1) Base: igual período anterior



Comércio

As vendas do comércio varejista no Espírito Santo mantiveram, no segundo trimestre de 2016, a trajetória de queda, registrando taxa negativa mais intensa que o período anterior em todas as bases de comparação: -12,3% na relação com o mesmo trimestre do ano anterior, -10,8% no acumulado no ano e -10,6% no acumulado em 4 trimestres. Variação que seguiu a mesma tendência do varejo nacional com registro de taxa negativa em todas as bases. No caso do índice de receita nominal, os resultados também foram mais intensos que a média nacional: -2,1% no confronto contra o mesmo trimestre do ano anterior, -0,7% no acumulado no ano e para o acumulado em 4 trimestres retração de -1,9%. Nota-se que, diante da manutenção dos níveis elevados de inflação⁵, do crédito restrito, da incerteza e da estabilidade do crescimento real da massa de rendimentos habitual associada ao aumento da taxa de desocupação⁶, a demanda continua se retraindo. A falta de uma sinalização positiva de mudança no cenário econômico tem deixado os agentes econômicos cada vez mais temerosos em realizar gastos, influenciando, assim, as vendas do setor (Tabela 5).

Tabela 5 - Indicadores Conjunturais do Comércio Varejista
Brasil e Espírito Santo - Variações (%) – 2016:II

Variáveis	Variações (%)		
	2016:II 2015:II	Acumulado no ano (*)	Acumulado em 4 trimestres (*)
Brasil			
Varejo			
Volume de vendas	↓ -7,1	↓ -7,0	↓ -6,7
Receita nominal	↑ 4,3	↑ 4,5	↑ 3,4
Varejo Ampliado			
Volume de vendas	↓ -9,3	↓ -9,3	↓ -10,1
Receita nominal	↓ -0,9	↓ -0,8	↓ -2,1
Espírito Santo			
Varejo			
Volume de vendas	↓ -12,3	↓ -10,8	↓ -10,6
Receita nominal	↓ -2,1	↓ -0,7	↓ -1,9
Varejo Ampliado			
Volume de vendas	↓ -14,8	↓ -17,6	↓ -19,0
Receita nominal	↓ -7,4	↓ -9,9	↓ -11,7

Fonte: Pesquisa Mensal do Comércio – PMC/IBGE

Elaboração: Coordenação de Estudos Econômicos - CEE/IJSN.

(*) Base: igual período anterior

O comércio varejista ampliado⁷ do Espírito Santo também permaneceu com retração. Houve decréscimo de -14,8% para o volume de vendas na comparação com mesmo trimestre anterior, -17,6% no acumulado no ano e -19,0% no acumulado em quatro trimestres. No que tange à receita nominal, os resultados negativos foram menos intensos, -7,4% em relação a igual trimestre de 2015, -9,9% para acumulado no ano e -11,7% nos

⁵ Ver seção Inflação desse Panorama.

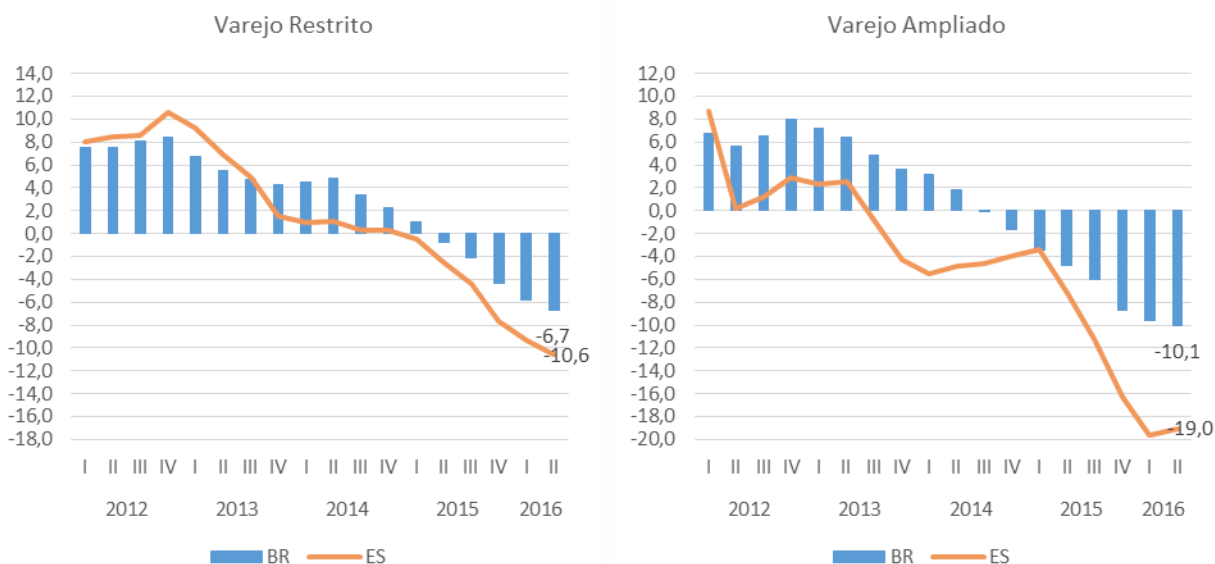
⁶ Ver seção Mercado de trabalho desse Panorama.

⁷ Composto pela soma das vendas do varejo, do segmento de *Veículos, motocicletas, partes e peças; e Material de construção*.



últimos quatro trimestres. Os resultados têm demonstrado que, em termos de suscetibilidade, o varejo ampliado local tem sofrido mais com os efeitos negativos decorrentes da crise. As variações em relação ao volume de vendas têm se deslocado sobremaneira do registrado para o Brasil, como evidenciado a partir da queda iniciada no terceiro trimestre de 2013 (Tabela 5 e Gráfico 8).

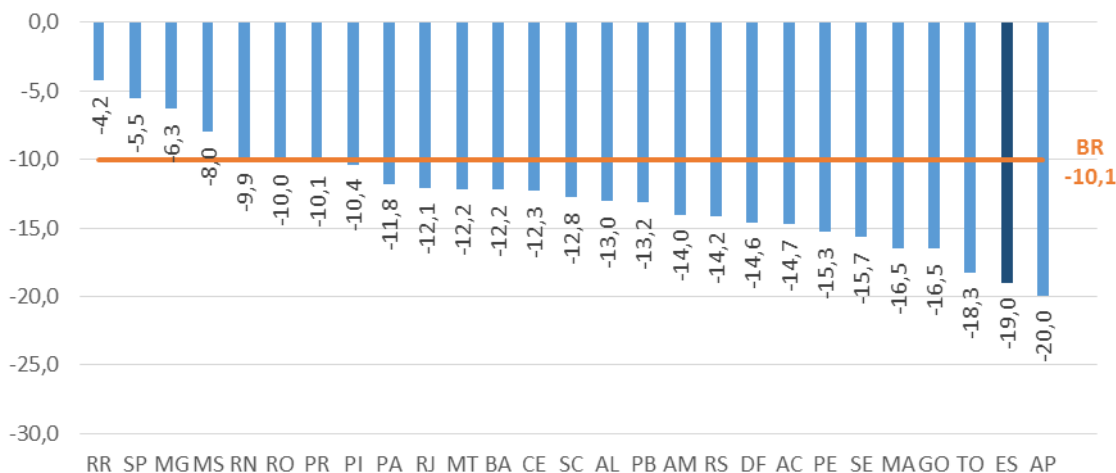
Gráfico 8 - Volume de Vendas do Comércio Varejista e Ampliado
Brasil e Espírito Santo - Variação (%) acumulada em 4 trimestres – 2016:II



Fonte: Pesquisa Mensal do Comércio – PMC/IBGE
Elaboração: Coordenação de Estudos Econômicos - CEE/IJSN.

Na comparação entre as Unidades da Federação, o comércio varejista ampliado do estado, ao logo do segundo trimestre de 2016, aparece com o registro de penúltima maior retração do ranking, -19,0% contra -10,1% da média nacional. Esse comportamento das vendas no comércio, revela que o Espírito Santo está entre os estados com maior probabilidade de serem afetados pelas condições macroeconômicas vigentes. Cabe salientar também que, o setor ainda não foi sensibilizado pela melhora nos níveis de expectativas futuras (Gráfico 9 e Gráfico 10).

Gráfico 9 - Volume de Vendas do Comércio Varejista Ampliado
Espírito Santo - Variação (%) acumulada em 4 trimestres - 2016:II

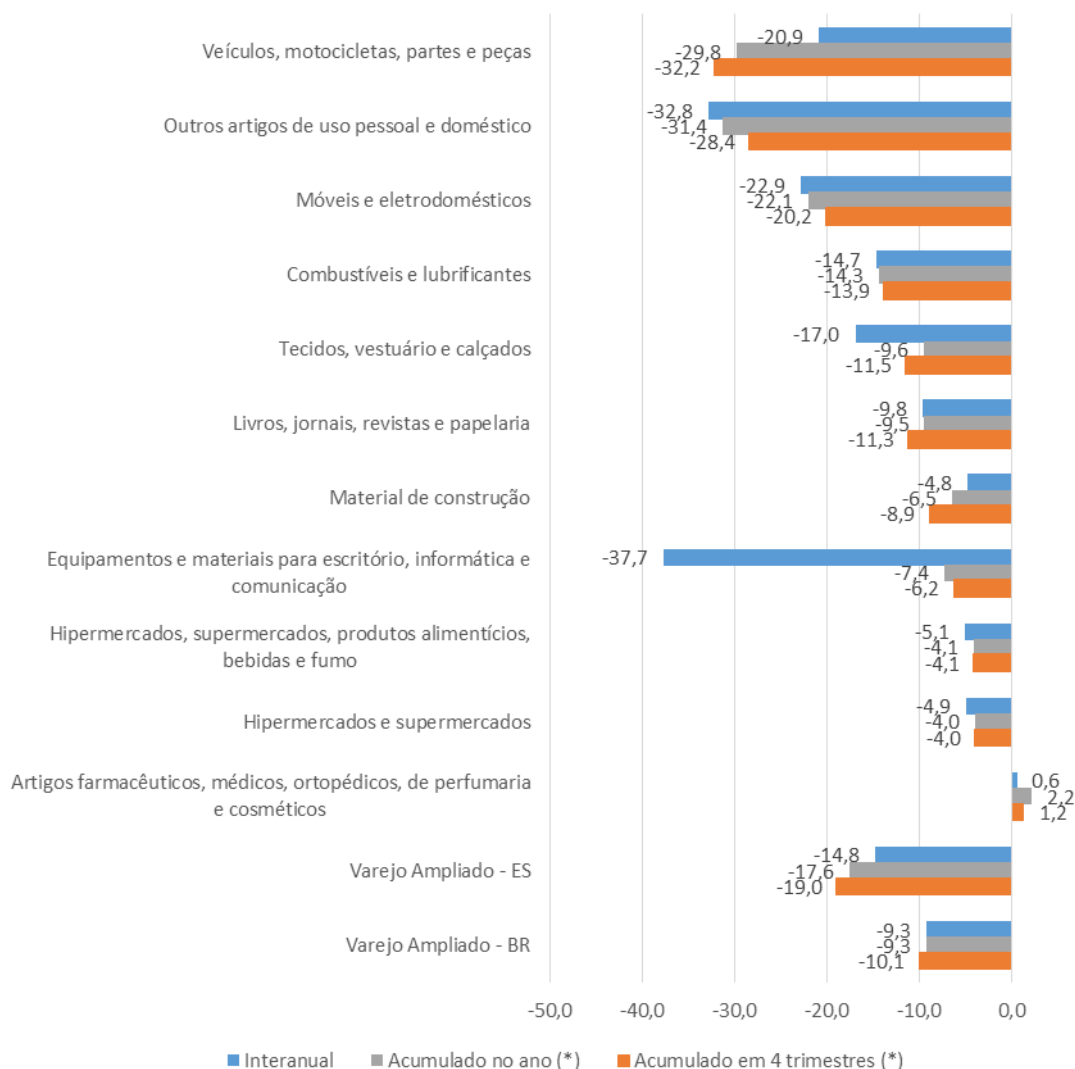




Fonte: Pesquisa Mensal do Comércio – PMC/IBGE
 Elaboração: Coordenação de Estudos Econômicos - CEE/IJSN.

Analisando os segmentos, observa-se que houve aumento no ritmo das variações⁸ nas oito atividades do varejo restrito, enquanto que nas atividades de Veículos, motos, partes e peças e Material de Construção do varejo ampliado, houve redução. Isso significa dizer que as vendas da atividade de Veículos, motos, partes e peças, que tem a maior contribuição relativa na retração do varejo ampliado do estado, embora ainda estejam sentindo os impactos da restrição do crédito e do comportamento do mercado de trabalho, caíram menos. (Gráfico 10).

Gráfico 10 - Volume de Vendas do Comércio Varejista Ampliado por Segmentos
 Brasil e Espírito Santo – Variações % - 2016:II



Fonte: Pesquisa Mensal do Comércio – PMC/IBGE
 Elaboração: Coordenação de Estudos Econômicos - CEE/IJSN.
 (*) Base: igual período anterior

⁸ Para análise mais detalhada, ver Panorama Econômico 1º Trimestre de 2016.



Serviços

No segundo trimestre de 2016, o volume do setor de serviços no Espírito Santo registrou queda de -6,9% em relação ao mesmo trimestre do ano anterior. Esse resultado representou uma diminuição no ritmo de queda observado no trimestre anterior, utilizando a mesma base de comparação, quando registrou queda de -7,1%. Novamente, apenas o segmento *Informação e comunicação* registrou crescimento (+1,7%). Os demais segmentos apresentaram retração, sendo que as maiores foram verificadas nos segmentos *Outros serviços*⁹ (-25,9%) e *Profissionais, administrativos e complementares* (-25,2%). (Tabela 6)

Tabela 6 – Volume de serviços
Brasil e Espírito Santo - Variações (%) – II trimestre de 2016

Variáveis	Interanual ^(*)	Acumulada no ano ^(*)	Acumulada em 4 trimestres ^(*)
Brasil			
Total	↓ -5,8	↓ -4,9	↓ -4,9
Famílias	↓ -2,4	↓ -4,4	↓ -5,2
Informação e comunicação	↓ -6,3	↓ -3,4	↓ -2,4
Profissionais, administrativos e complementares	↓ -6,7	↓ -6,5	↓ -6,6
Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio	↓ -3,9	↓ -5,9	↓ -6,4
Outros	↓ -5,3	↓ -3,8	↓ -7,4
Espírito Santo			
Total	↓ -6,9	↓ -7,1	↓ -7,1
Famílias	↓ -13,0	↓ -9,9	↓ -7,5
Informação e comunicação	↑ 1,7	↑ 3,2	↑ 2,1
Profissionais, administrativos e complementares	↓ -25,2	↓ -17,1	↓ -9,7
Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio	↓ -4,7	↓ -9,3	↓ -11,2
Outros	↓ -25,9	↓ -25,8	↓ -25,5

Fonte: Pesquisa Mensal de Serviços - PMS/IBGE

Elaboração: Coordenação de Estudos Econômicos - CEE/IJSN

(*) Base: igual período anterior

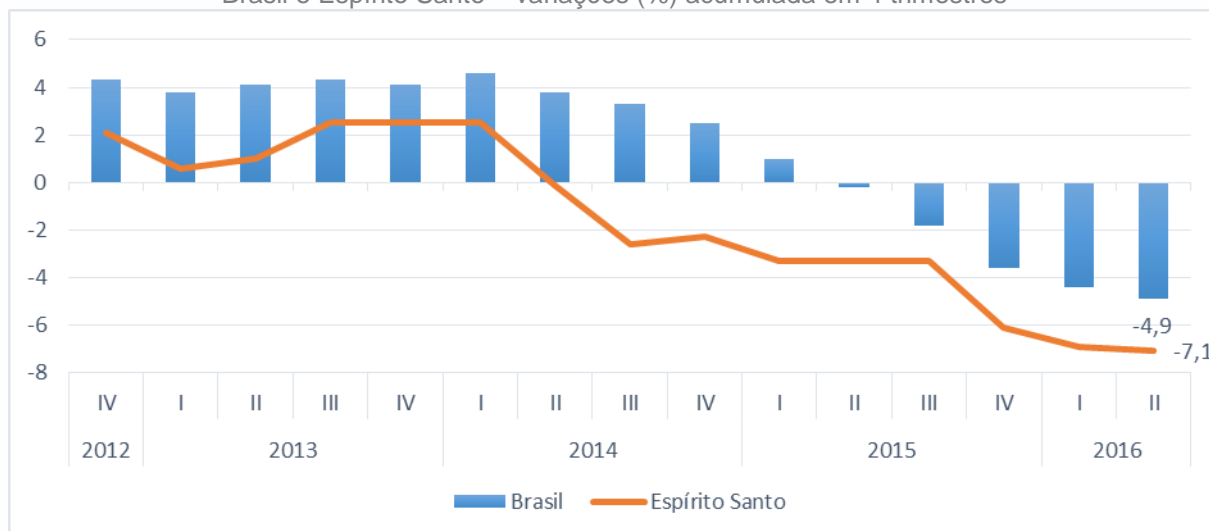
No Brasil, o volume do setor de serviços no segundo trimestre de 2016 também registrou retração em relação ao mesmo período do ano anterior, com variação de -5,8%, sendo que foram registrados recuos em todos os segmentos do setor nesta base de comparação. A maior queda foi registrada no segmento *Profissionais, administrativos e complementares* (-6,7%).

Na análise da variação acumulada em 4 trimestres tanto o país quanto o estado registraram quedas no volume de serviços prestados. Tanto em nível nacional quanto estadual, o resultado do segundo trimestre de 2016 (-4,9% e 7,1%, respectivamente) representou o pior desempenho desde o início da pesquisa, que apresenta dados desde 2012. Assim como apresentados nos números anteriores deste documento, a retração no volume de serviços prestados no estado apresentou quedas mais intensas que a média nacional, em grande parte, em função da importância do segmento de transportes que tem apresentado desempenho negativo desde outubro de 2015 (Gráfico 11)

⁹ Inclui os seguintes serviços: atividades imobiliárias (intermediação, gestão e administração de imóveis próprios e de terceiros); serviços de manutenção e reparação; serviços auxiliares financeiros; serviços auxiliares da agricultura; serviços de esgoto e serviços de coleta, tratamento e disposição de resíduos e recuperação de materiais.



Gráfico 11 - Volume de serviços
Brasil e Espírito Santo – variações (%) acumulada em 4 trimestres



Fonte: Pesquisa Mensal de Serviços - PMS/IBGE
Elaboração: Coordenação de Estudos Econômicos - CEE/IJSN

A receita nominal de serviços no Espírito Santo, no primeiro trimestre de 2016 caiu -4,2% na comparação interanual. Neste trimestre, apenas os segmentos de *Informação e comunicação* e de *Transportes* apresentaram variações positivas no estado, registrando crescimento de +1,2% e +1,3%, respectivamente.

Na variação acumulada em 4 trimestres, a receita nominal de serviços no Espírito Santo registrou o pior resultado desde o início da série com um recuo -3,4% no período analisado. O segmento *Outros serviços* foi o que apresentou a maior queda (-19,5%) e o *Informação e comunicação* apresentou crescimento da receita nominal (Tabela 7).

Tabela 7 – Receita nominal de serviços
Brasil e Espírito Santo – Variações trimestrais (%) – II trimestre de 2016

Variáveis	Interanual(*)	Acumulada no ano (*)	Acumulada em 4 trimestres (*)
Brasil			
Total	⇒ 0,0	↑ 0,2	↑ 0,3
Famílias	⇒ 0,0	↑ 1,6	↑ 0,9
Informação e comunicação	↑ 0,5	↓ -0,4	↓ -0,2
Profissionais, administrativos e complementares	⇒ 0,0	⇒ 0,0	↑ 0,3
Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio	↓ -1,0	↑ 0,2	↑ 0,7
Outros	↑ 3,0	↑ 3,4	↑ 0,1
Espírito Santo			
Total	↓ -4,2	↓ -3,9	↓ -3,4
Famílias	↓ -6,4	↓ -2,5	↓ -0,3
Informação e comunicação	↑ 1,2	↑ 2,2	↑ 0,4
Profissionais, administrativos e complementares	↓ -20,5	↓ -11,2	↓ -3,0
Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio	↑ 1,3	↓ -2,9	↓ -4,2
Outros	↓ -20,6	↓ -20,2	↓ -19,5

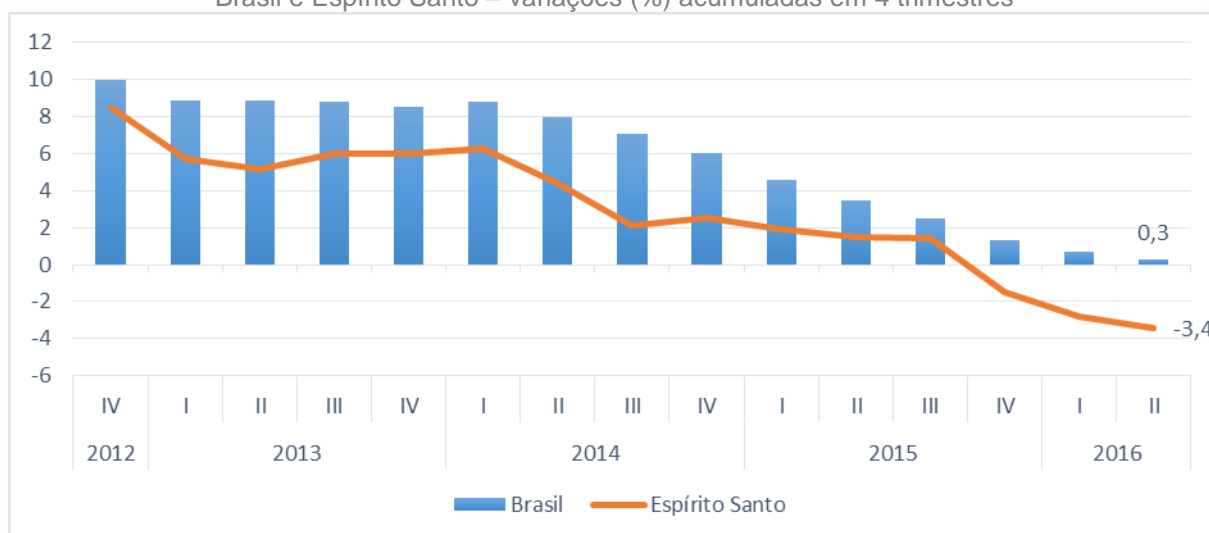
Fonte: Pesquisa Mensal de Serviços - PMS/IBGE
Elaboração: Coordenação de Estudos Econômicos - CEE/IJSN
(*) Base: igual período anterior.

No Brasil, a receita nominal de serviços no período em análise apresentou estabilidade na comparação interanual. Já na variação acumulada em 4 trimestres, a receita nominal cresceu 0,3%, continuando a tendência de desaceleração do crescimento iniciada a partir do primeiro trimestre de 2014. Nas duas bases



de comparação, o comportamento da receita nominal do Brasil, apesar do resultado positivo, correspondeu ao desempenho menos favorável desde 2013 (Gráfico 12).

Gráfico 12 - Receita nominal de serviços
Brasil e Espírito Santo – variações (%) acumuladas em 4 trimestres



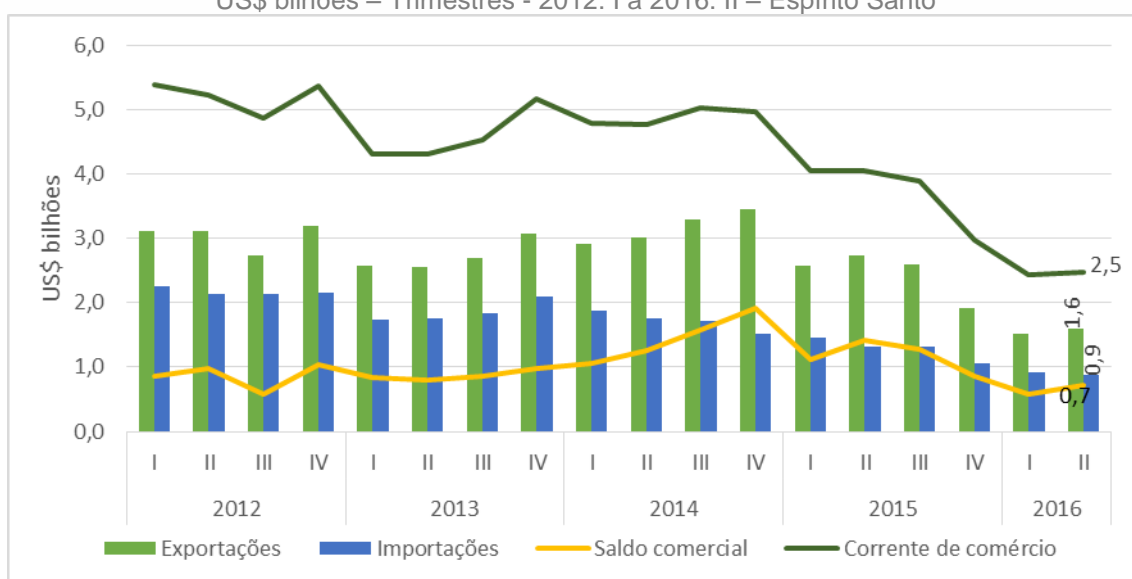
Fonte: Pesquisa Mensal de Serviços - PMS/IBGE
Elaboração: Coordenação de Estudos Econômicos - CEE/IJSN



Comércio Exterior

No segundo trimestre de 2016, as exportações capixabas apresentaram aumento de +6,2% frente ao trimestre imediatamente anterior, enquanto as importações mantiveram o ritmo de queda observado desde o primeiro trimestre de 2014, com variação de -5,4%. Dessa forma, a corrente de comércio capixaba experimentou um incremento de +1,8%, dado que o crescimento das exportações superou a queda das importações no período. Nesta base de comparação, as exportações (+22,5%) e as importações (+6,9%) brasileiras apresentaram crescimento, resultando em um incremento de +15,6% na corrente de comércio (Gráfico 13 e Tabela 8).

Gráfico 13 - Exportações, Importações, Saldo Comercial e Corrente de Comércio
US\$ bilhões – Trimestres - 2012: I a 2016: II – Espírito Santo



Fonte: Secretaria de Comércio Exterior – SECEX/MDIC.
Elaboração: Coordenação de Estudos Econômicos – CEE/IJSN.

Já nas comparações com o mesmo trimestre do ano anterior, no acumulado do ano e no acumulado em 4 trimestres, as exportações, as importações e a corrente de comércio, tanto do estado quanto do país apresentaram quedas, o que revela que o aumento observado na comparação com o trimestre imediatamente anterior, não foi ainda suficiente para recuperar as sucessivas quedas observadas nos períodos anteriores (Tabela 8).



Tabela 8 - Exportações, Importações e Corrente de Comércio
Espírito Santo e Brasil - Variações Trimestrais %

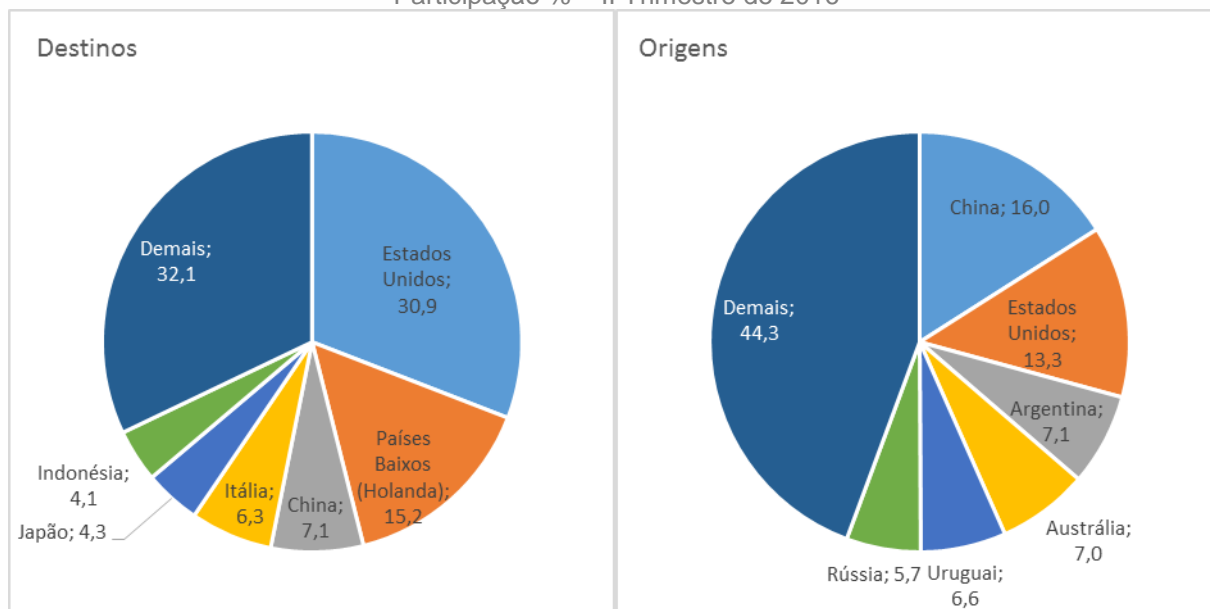
Localidade e indicador	Variação %			
	2016:II/ 2016:I	2016:II/ 2015:II	Acumulada no ano (1)	Acumulada em 4 Trimestres (1)
Espírito Santo				
Exportação	↑ 6,2	↓ -41,4	↓ -41,4	↓ -36,9
Importação	↓ -5,4	↓ -33,5	↓ -35,2	↓ -30,8
Corrente de comércio	↑ 1,8	↓ -38,8	↓ -39,3	↓ -34,9
Brasil				
Exportação	↑ 22,5	↓ -3,6	↓ -4,3	↓ -10,5
Importação	↑ 6,9	↓ -21,4	↓ -27,7	↓ -29,9
Corrente de comércio	↑ 15,6	↓ -11,8	↓ -15,9	↓ -20,2

Fonte: Secretaria de Comércio Exterior – SECEX/MDIC.

Elaboração: Coordenação de Estudos Econômicos – CEE/IJSN.

Os principais destinos das exportações capixabas no segundo trimestre permaneceram sendo os Estados Unidos (30,9%), os Países Baixos (15,2%) e a China (7,1%). Da mesma forma, as principais origens mantiveram-se as mesmas do trimestre anterior: China (16,0%) e Estados Unidos (13,3%). Porém, o terceiro lugar, que fora ocupado pela Austrália, no primeiro trimestre de 2016, desta vez passou a ser ocupado pela Argentina (7,1%) (Gráfico 14).

Gráfico 14 – Destinos das exportações e origens das Importações
Participação % – II Trimestre de 2016



Fonte: Secretaria de Comércio Exterior – SECEX/MDIC.

Elaboração: Coordenação de Estudos Econômicos – CEE/IJSN.

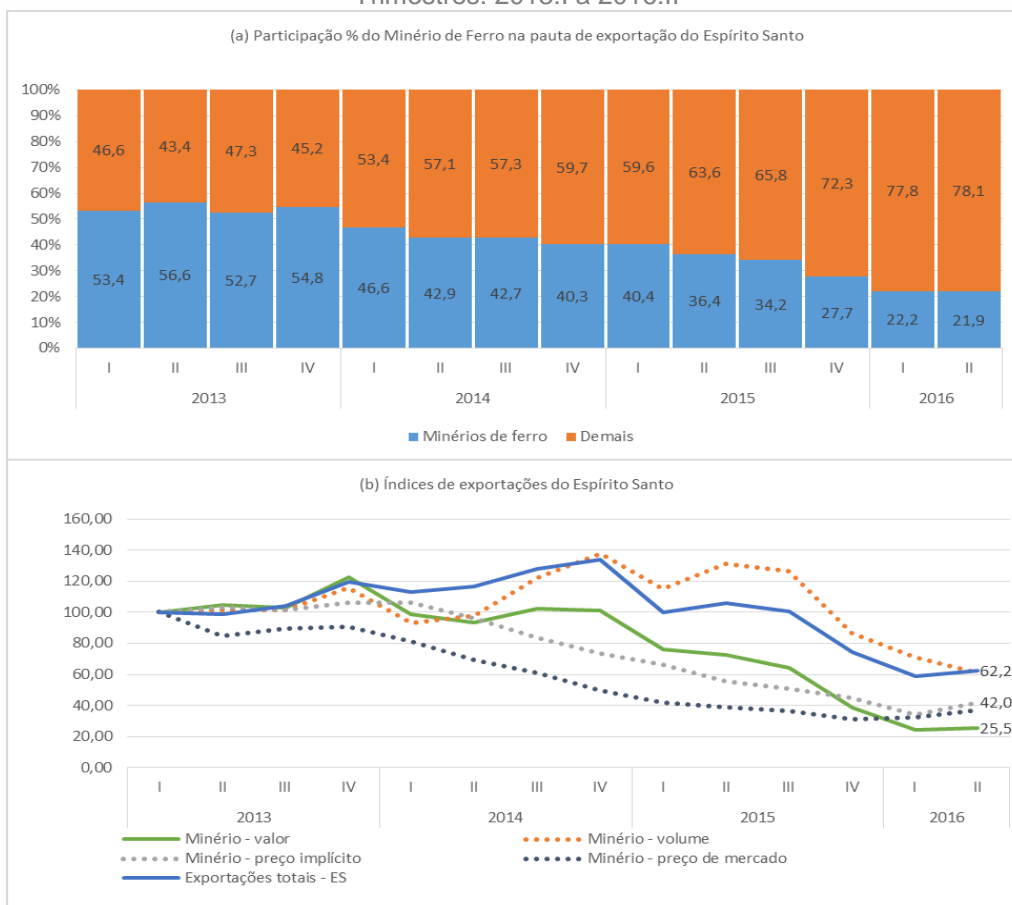


O item *Minérios de ferro* mais uma vez manteve a liderança na pauta capixaba¹⁰, porém, sua participação no valor total exportado mais uma vez apresentou-se em processo de redução, alcançando 21,9% no período (Gráfico 15 (a)).

A parte “b” do gráfico 16 apresenta os índices de valor das exportações totais, das exportações de minérios, do volume de minério e dos preços implícitos (obtidos pela relação valor sobre volume exportado) e do preço internacional do minério¹¹, em que se considerou o primeiro trimestre de 2013 como marco inicial (2013:I=100). Percebe-se que as exportações totais e as exportações de minérios apresentaram crescimento na comparação com o trimestre imediatamente anterior, entretanto, como o crescimento das exportações totais do estado superou o crescimento das exportações de minério, este observou a redução de sua participação, conforme demonstra a parte “a” do gráfico 15.

Essa recuperação no valor das exportações de minérios de ferro, entretanto, se deu via preço, uma vez que o volume segue em queda, conforme demonstra a parte “b” do gráfico através da linha pontilhada laranja, e o incremento dos preços, tanto implícito, quanto o internacional, nas linhas pontilhadas cinza e azul (Gráfico 15).

Gráfico 15 – Panorama do minério de ferro – Espírito Santo
Trimestres: 2013:I a 2016:II



Fonte: Secretaria de Comércio Exterior – SECEX/MDIC.
Elaboração: Coordenação de Estudos Econômicos – CEE/IJSN.

¹⁰ Para detalhes do comércio exterior do segundo trimestre ver Boletim Trimestral da Balança Comercial (<http://www.ijsn.es.gov.br/artigos/4659-balanca-comercial-do-espírito-santo-2-trimestre-2016>)

¹¹ Disponíveis em: <http://www.indexmundi.com/commodities/?commodity=iron-ore&months=120>

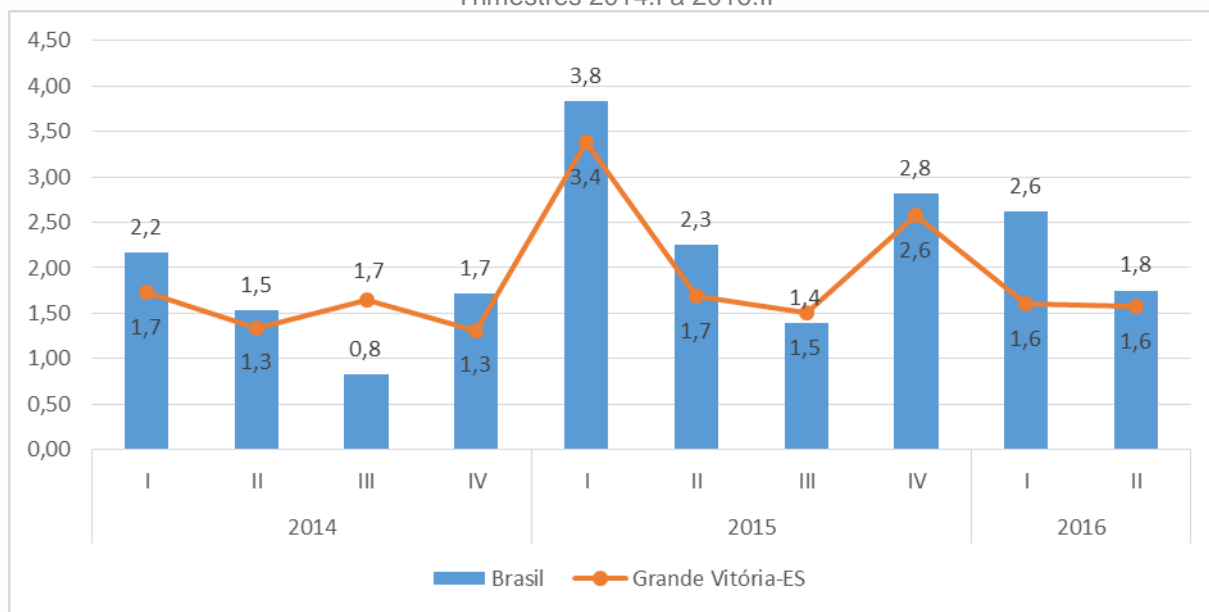


Inflação

De acordo com a pesquisa de Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo – IPCA do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), os preços acumularam alta de +1,6% na Região Metropolitana da Grande Vitória (RMGV) no segundo trimestre de 2016, repetindo a alta verificada no trimestre imediatamente anterior (Gráfico 17 e Tabela 9).

Desde o início da pesquisa de preços na Grande Vitória o comportamento da inflação capixaba tem se situado abaixo da média nacional, fato que só foi contrariado nos terceiros trimestres de 2014 e 2015. No segundo trimestre de 2016, a inflação brasileira de 1,8% ficou 0,2 ponto percentual acima da RMGV (Gráfico 16 e Tabela 9).

Gráfico 16 - Variação (%) trimestral do IPCA – Brasil e Grande Vitória-ES
Trimestres 2014:I a 2016:II



Fonte: Sistema Nacional de Índices de Preços ao Consumidor – SNIPC / IBGE
Elaboração: Coordenação de Estudos Econômicos - CEE/IJSN

A inflação no segundo trimestre de 2016 foi impactada de forma mais significativa pelo avanço nos preços dos bens e serviços agrupados como Alimentação e bebidas e Saúde e cuidados pessoais. A variação do primeiro grupo no Brasil (+2,6%) e na Grande Vitória (+2,3%) foi a que mais impactou no resultado do período, uma vez que detém o maior peso na composição do índice. O segundo grupo, Saúde e cuidados pessoais, apresentou a maior variação no trimestre, com alta de +4,9% em nível nacional e +4,4% na RMGV (Tabela 9).



Tabela 9 - Variação (%) trimestral do IPCA
Índice geral e grupo - Junho de 2016

Índice geral e grupos	Brasil			Grande Vitória - ES		
	2016:II	Acumulado no ano	Acumulado em 4 trimestres	2016:II	Acumulado no ano	Acumulado em 4 trimestres
Índice geral	1,8	4,4	8,8	1,6	3,2	7,4
Alimentação e bebidas	2,6	7,4	12,8	2,3	8,5	13,7
Habitação	2,0	3,3	6,0	1,1	1,8	7,0
Artigos de residência	1,2	2,1	7,4	0,4	-1,0	2,0
Vestuário	1,6	2,4	5,5	0,5	1,5	6,2
Transportes	-1,1	1,5	6,3	0,0	-0,8	4,6
Saúde e cuidados pessoais	4,9	7,5	11,8	4,4	6,4	10,7
Despesas pessoais	1,9	4,6	8,1	1,8	4,0	7,4
Educação	0,5	7,4	9,2	0,1	6,4	6,8
Comunicação	1,5	0,7	3,1	2,0	1,8	4,7

Fonte: Sistema Nacional de Índices de Preços ao Consumidor - SNIPC / IBGE
Elaboração: Coordenação de Estudos Econômicos - CEE/IJSN

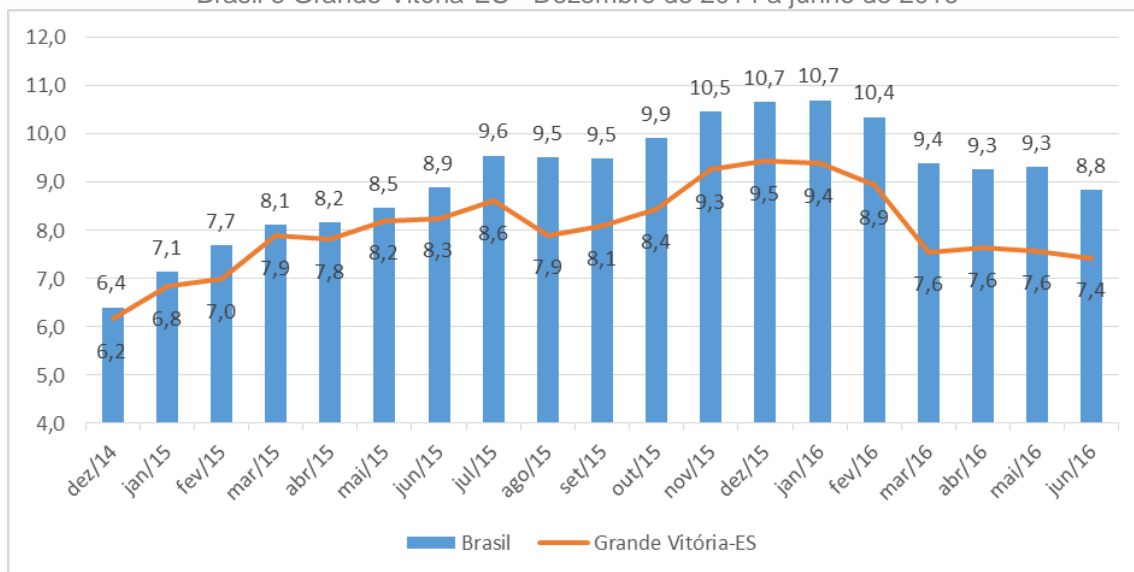
De janeiro a junho de 2016, os vinte itens que apresentaram os maiores aumentos de preços na RMGV são todos pertencentes ao grupo Alimentação e bebidas. Destacaram-se as variações registradas por Feijão-carioca (+92,2%), Manga (+87,9%), Batata-inglesa (+54,5%), Feijão-preto (+47,1%) e Farinha de mandioca (+46,5%). No Brasil os 25 primeiros produtos da lista dos que ficaram mais caros pertencem a esse grupo¹².

No acumulado de 4 trimestres, o índice de preço mostrou uma desaceleração entre dezembro de 2015 e março de 2016, saindo de um patamar de +9,3% para +8,8% no Brasil e de +7,6% para +7,4% na Grande Vitória. Mais uma vez os grupos Alimentação e bebidas e Saúde e cuidados pessoais foram determinantes na composição do índice com variação de dois dígitos tanto em nível nacional como regional. Para o país as altas foram de 12,8% e 11,8%, respectivamente, enquanto para a RMGV a taxa de inflação nesses grupos foi de 13,7% e 10,7%, na mesma ordem (Gráfico 17 e Tabela 9).

¹² Dados de variações acumuladas em 4 trimestres não apresentados em gráficos e tabelas nesse documento podem ser encontrados em: ftp://ftp.ibge.gov.br/Preços_Indices_de_Precos_ao_Consumidor/IPCA/Resultados_por_Subitem/



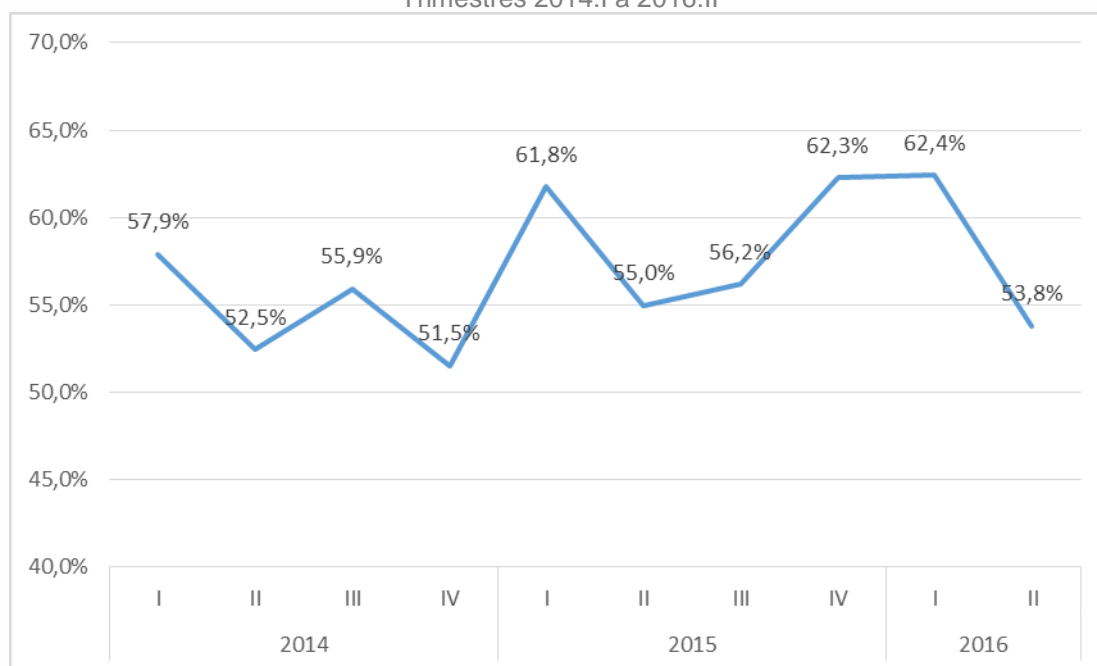
Gráfico 17 - Variação (%) do IPCA acumulado em 4 trimestres
Brasil e Grande Vitória-ES - Dezembro de 2014 a junho de 2016



Fonte: Sistema Nacional de Índices de Preços ao Consumidor - SNIPC / IBGE
Elaboração: Coordenação de Estudos Econômicos - CEE/IJSN

Portanto, a inflação do segundo trimestre de 2016 na Grande Vitória foi caracterizada pela influência dos grupos Alimentação e bebidas e Saúde e cuidados pessoais, que lideram as variações nas três bases de comparação (acumulado no trimestre, no ano e em 4 trimestres). Além disso, a inflação esteve menos espalhada do que nos trimestres anteriores, com o índice de difusão do IPCA, entendido como a proporção de itens que apresentou variação positiva, ficando em 53,8% na RMGV, o patamar mais baixo dos últimos seis trimestres.

Gráfico 18 - Índice de difusão trimestral do IPCA na Grande Vitória
Trimestres 2014:I a 2016:II



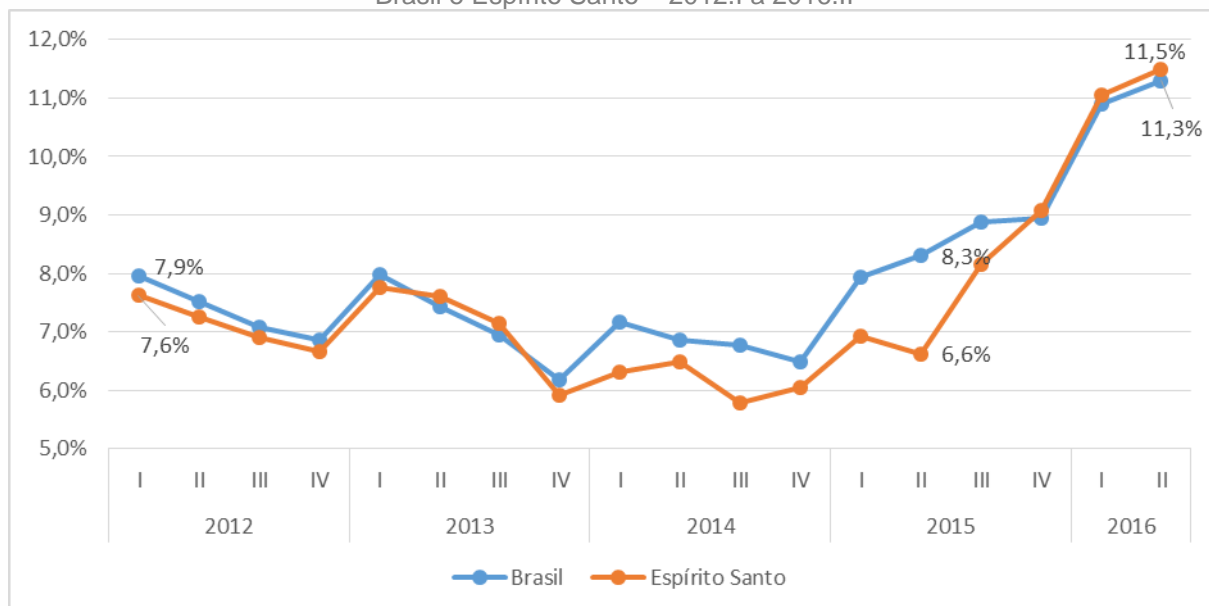
Fonte: Sistema Nacional de Índices de Preços ao Consumidor - SNIPC / IBGE



Mercado de Trabalho

De acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC)¹³, elaborada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no segundo trimestre de 2016 a taxa de desocupação no Espírito Santo foi estimada em 11,5%, o maior valor da série iniciada em 2012. Na comparação com igual trimestre de 2015, verifica-se um crescimento de 4,9 pontos percentuais, com o indicador passando de 6,6% para 11,5% nessa base de comparação (Gráfico 20). As pessoas desocupadas somaram no trimestre 234 mil, valor esse 76,4% maior do que o registrado no segundo trimestre de 2015 e que representa um acréscimo de 101 mil desocupados no Estado (Tabela 9). O Brasil, da mesma forma, apresentou crescimento na taxa de desocupação interanual, passando de 8,3% no segundo trimestre de 2015 para 11,3% no segundo trimestre de 2016, com um acréscimo de 3,0 pontos percentuais.

Gráfico 19 - Taxa de desocupação (%)
Brasil e Espírito Santo – 2012.I a 2016.II



Fonte: PNAD Contínua - IBGE

Elaboração: Coordenação de Estudos Econômicos - CEE/IJSN.

O aumento do número de desocupados e da taxa de desocupação no segundo trimestre de 2016 no estado podem ser explicados principalmente pela redução de 70 mil ocupados na comparação interanual (-3,8%). Em consequência desta redução, o número de pessoas ocupadas alcançou no trimestre o valor de 1,80 milhão, o correspondente a 55,6% das pessoas em idade de trabalhar (nível de ocupação). Essa queda no número de ocupados foi puxada pela redução na Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura (-8,1%), e na Indústria (-11,2%), que juntos foram responsáveis pela redução de 50 mil postos de trabalho na comparação interanual. Além disso, a queda dentre os ocupados se deu em maior número nos Empregados

¹³ Para mais detalhes dos resultados da PNADC ver Boletim mercado de trabalho disponibilizado em: <http://www.ijsn.es.gov.br/publicacoes/boletins>



do setor privado com carteira de trabalho assinada (-6,8%) e trabalhador familiar auxiliar (-41,6%), uma redução total de 90 mil pessoas nessas posições.

Tabela 10 - Número de pessoas (milhares) e Variação dos indicadores
Brasil e Espírito Santo

Indicadores	Espírito Santo				Brasil			
	2016:II	2016:II/2015:II			2016:II	2016:II/2015:II		
		Var. Absoluta	Var. %	Situação		Var. Absoluta	Var. %	Situação
Pessoas em idade de trabalhar	3.232	38	1,2	↑	166.270	2.162	1,3	↑
Na força de trabalho	2.031	31	1,6	→	102.384	1.818	1,8	↑
Ocupadas	1.798	-70	-3,8	↓	90.798	- 1.413	-1,5	↓
Desocupadas	234	101	76,4	↑	11.586	3.231	38,7	↑
Fora da Força de trabalho	1.201	7	0,6	→	63.886	344	0,5	→

Fonte: PNAD Contínua - IBGE

Elaboração: Coordenação de Estudos Econômicos - CEE/IJSN.

Nota: →-estabilidade, ↑- crescimento e ↓ declínio com significância estatística considerando 95% de confiança.

O rendimento habitual médio de todos os trabalhos no segundo trimestre do ano foi estimado em R\$1.895,63, para o Espírito Santo, valor esse inferior à estimativa do Brasil de R\$1.972,11. No Espírito Santo, ao contrário do observado para o Brasil que registrou queda de -4,2%, o rendimento médio real não apresentou variação estatisticamente significativa na comparação interanual mantendo-se estável.

De acordo com dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED) do Ministério do Trabalho e Previdência Social, os empregos formais no Espírito Santo, no segundo trimestre de 2016, apresentaram saldo negativo de -4.736 postos de trabalho, enquanto no Brasil esta redução foi de -226.491 postos. Neste mesmo trimestre, o estoque de empregos com carteira assinada no Estado alcançou +736.047 vínculos de emprego, valor -0,6% menor em comparação ao estoque de empregos registrado no trimestre anterior. Comparando o desempenho brasileiro com o capixaba, percebe-se uma queda menor dos indicadores acumulados do trabalho formal do primeiro em relação ao último. Mesmo tendo o mesmo índice de queda no estoque de empregos, quando se analisa a relação do segundo trimestre de 2016 em relação ao trimestre anterior (-0,6% para ambos), esta diferença cresce um pouco no acumulado do ano, com -2,1% para o Estado e -1,4% para o Brasil, e se acentua ainda mais quando a comparação é feita em relação ao acumulado em 4 trimestres (-5,4% e -2,1% respectivamente) (Tabela 11).

Tabela 11 - Saldos, Estoques e Variações de Empregos Formais
Espírito Santo e Brasil

Trimestres	Espírito Santo	Brasil
Estoque no Segundo trimestre de 2016	736.047	39.143.507
Saldo (Admitidos - Desligados)		
Segundo trimestre de 2016	-4.736	-226.491
Acumulado no ano 2016	-15.502	-549.543
Acumulado 4 trimestres	-45.718	-1.785.561
Variações % do estoque de empregos		
2016:II/2016:I	↓ -0,6 ↓	↓ -0,6 ↓
Acumulado no ano (2016:II/2016:I)	↓ -2,1 ↓	↓ -1,4 ↓
Acumulado em 4 trimestres (2016:II/2015:II)	↓ -5,4 ↓	↓ -3,2 ↓

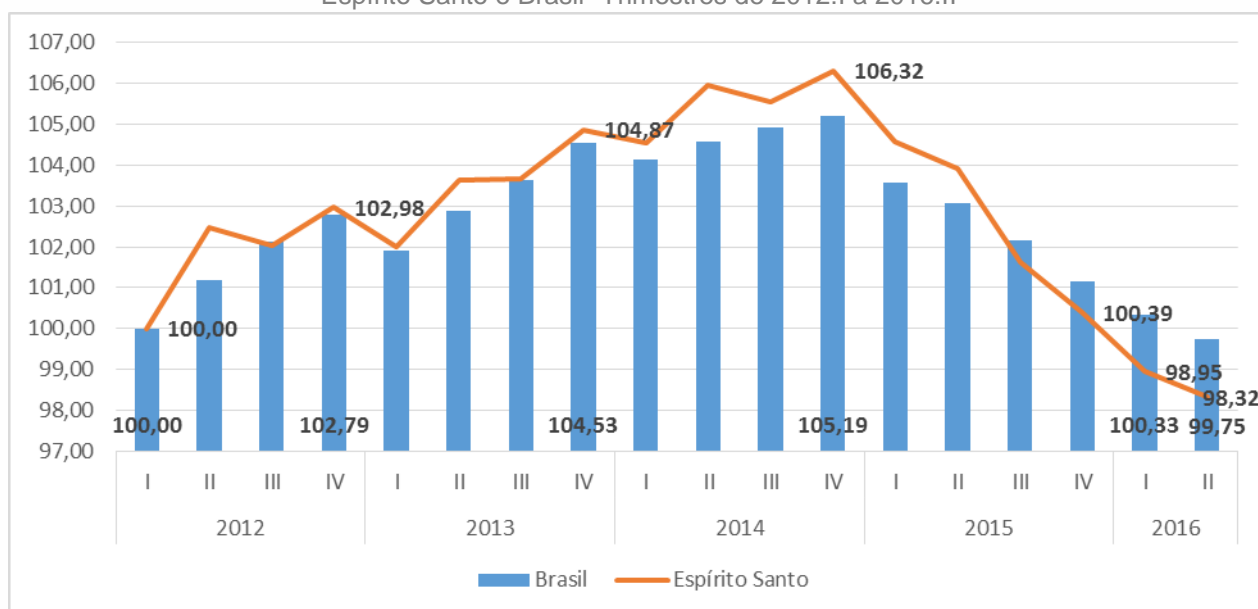
Fonte: CAGED/MTE.

Elaboração: Coordenação de Estudos Econômicos - CEE/IJSN



O Gráfico 20 demonstra a evolução do índice do estoque de empregos formais para o Brasil e Espírito Santo, adotando como base (= 100) os estoques observados no primeiro trimestre de 2012. Os resultados da série, correspondentes aos primeiros trimestres de cada ano, mostram-se recorrentemente menores que aqueles apresentados nos quartos trimestres dos anos anteriores, pelo fato amplamente conhecido da existência de um crescimento das contratações para festas de fim de ano e uma queda posterior das mesmas. A série, que começa no primeiro trimestre de 2012, mostra algumas oscilações para ambos os entes analisados, mas mantem-se ascendente até o quarto trimestre de 2014. Neste ponto inicia-se uma queda continuada de seus valores. Para o Espírito Santo, a partir do primeiro trimestre de 2016, esta queda acentua-se, apresentando valores menores do que aqueles mostrados no início da série histórica, fato que para o Brasil, só acontece no segundo trimestre de 2016 (99,75).

Gráfico 20 - Índice do Estoque de Emprego Formal
Espírito Santo e Brasil - Trimestres de 2012:I a 2016:II



Fonte: CAGED/MTE.

Elaboração: Coordenação de Estudos Econômicos - CEE/IJSN

Trimestre base: 2012 - I

Setorialmente, a comparação dos valores do saldo de empregos do segundo trimestre de 2015 (-10.509) com os valores do mesmo trimestre de 2016 (-4.736) mostra uma significativa diminuição na queda, quando se analisa o resultado total. Quase todos os setores apresentaram fechamentos de postos de trabalho, com exceção da Agropecuária, com +3.637 no segundo trimestre de 2015 e +2.549 no segundo semestre de 2016, e bem como da Extrativa Mineral (+130), apenas neste ano de 2016. Alguns setores que historicamente tem peso significativo para a economia do Espírito Santo destacam-se negativamente neste segundo trimestre de 2016: Serviços (-3.321), Comércio (-2.996) e Indústria de Transformação (-815). Quando se calcula a proporção do saldo dos setores citados em relação aos respectivos estoques, os maiores valores negativos são encontrados para o Comércio (-1,64%) e para os Serviços (-1,03%), enquanto os setores da Agropecuária (+7,07%) e da Extrativa Mineral (+1,00), mostram valores positivos. Os valores correspondentes aos saldos acumulados no ano, aos saldos acumulados em 4 trimestres e a análise comparativa dos estoques dos segundos trimestres de 2015 e 2016, reforçam a percepção, apontada nas quatro edições anteriores do



Panorama, da continuidade de um período de queda no saldo e no estoque de empregos no Espírito Santo e no Brasil (Tabela 12).

Tabela 12 - Saldos e Estoques de Empregos Formais
Espírito Santo, II Trimestre de 2015 a 2016

Setores	Saldo				Estoque	
	2015:II	2016:II	Acumulado no ano	Acumulado em 4 trimestres	Sem Ajuste 2015 - II	Sem Ajuste 2016 - II
Extrativa Mineral	-79	130	168	-163	13.176	13.013
Ind. Transformação	-2.452	-815	-1.961	-9.138	128.963	119.825
Serv. Ind. Útil. Pub.	-310	-73	-226	-424	8.500	8.076
Construção Civil	-2.859	-198	-1.294	-7.760	54.853	47.093
Comércio	-3.037	-2.996	-7.433	-8.946	191.314	182.368
Serviços	-5.376	-3.321	-6.817	-16.417	338.091	321.674
Admin. Pública	-33	-12	64	-259	8.204	7.945
Agropecuária	3.637	2.549	1.997	-2.611	38.664	36.053
Total	-10.509	-4.736	-15.502	-45.718	781.765	736.047

Fonte: CAGED/MTE.

Elaboração: Coordenação de Estudos Econômicos - CEE/IJSN